

CLORINDA MATTO DE TURNER: A VOZ FEMINISTA QUE DESAFIOU O CLERO AO DENUNCIAR A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E INDÍGENAS

CLORINDA MATTO DE TURNER: THE FEMINIST
VOICE WHO CHALLENGED THE CLERGY BY
DENOUNCING VIOLENCE AGAINST WOMEN AND
INDIGENOUS PEOPLE

Elis Regina Guedes de Souza

Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade
Federal de Campina Grande - Brasil.

E-mail: elis.gds19@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0746-8792>

**Jose Veranildo Lopes da
Costa Junior**

Doutor em Letras pela Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte - Brasil. Realizou
estágio pós-doutoral na Universidade Federal
de Campina Grande - Brasil. Professor adjunto
da Universidade Federal da Paraíba - Brasil.

E-mail: jveranildo@hotmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2400-8715>

Resumo: Em seu projeto literário, a escritora peruana Clorinda Matto de Turner se mostrou bastante comprometida com a causa indígena durante o século XIX. Ao criticar abertamente, em seus textos, a opressão exercida pelos religiosos sobre os nativos, a autora se tornou uma inimiga declarada do Clero, que passou a persegui-la de modo incansável. Nosso trabalho tem como objetivo demonstrar como Clorinda Matto de Turner, em seu romance *Aves sin nido* (1889), denuncia os crimes e a exploração praticados pelas autoridades eclesiásticas contra os povos indígenas, especialmente às mulheres nativas que protagonizam a obra. Para tanto, nos fundamentamos teoricamente em Batalla (1990), Barrancos (2022), Cornejo Polar (2005) e Guardia (2007; 2013), entre outros. Como possíveis desdobramentos, observamos que a autora peruana se insere no movimento indigenista, ao assumir uma postura crítica em relação às atitudes dos membros da Igreja Católica, evidenciando os abusos do processo de pós-colonização em que as mulheres foram as maiores vítimas.

Palavras-chave: Clorinda Matto de Turner; Denúncia; Abusos; Igreja Católica; Indígenas.

Abstract: In her literary project, the Peruvian writer Clorinda Matto de Turner was very committed to the indigenous cause during the 19th century. By openly criticizing the oppression exerted by the religious on the natives in her texts, the author became a declared enemy of the clergy, who began to persecute her relentlessly. In this way, our work therefore aims to show how Clorinda Matto de Turner, in her novel *Aves sin nido* (1889), denounces the crimes and exploitation practiced by the ecclesiastical authorities against the indigenous peoples, especially against the native women who star in the work. To this end, we draw on Batalla (1990), Barrancos (2022), Cornejo Polar (2005) and Guardia (2007; 2013), among others. As a possible outcome, we observed that the Peruvian author is part of the indigenist movement, taking a critical stance towards the attitudes of members of the Catholic Church, highlighting the abuses of the post-colonization process in which women were the greatest victims.

Keywords: Clorinda Matto de Turner; Denunciation; Abuses; Catholic Church; Indigenous.

1 Introdução

O romance *Aves sin nido* de Clorinda Matto de Turner, cuja primeira edição foi publicada em 1889, tem como protagonistas personagens indígenas e não-indígenas e, os antagonistas são os poderosos do povoado de Kíllac, especificamente o governador e o padre da cidade. Uma das principais críticas da obra se direciona às autoridades religiosas do povoado, que exploram os nativos em trabalhos forçados, cobram impostos por serviços inexistentes, e violentam as mulheres indígenas, transformando-as em suas escravas sexuais.

Os religiosos são o oposto do que manda a Igreja, pois vivem uma vida imoral, marcada pela exploração e violência contra os nativos. Com a interferência do casal Lucía e Fernando Marín que passam a defender a família indígena formada por Juan, Marcela e suas duas filhas, vítimas da exploração dos poderosos da cidade, o padre Pascual arquiteta junto como o governador don Sebastián um plano para assassinar o casal Marín, recém-chegado ao povoado. O intuito do plano tramado é impedir que o casal atrapalhe os negócios e interfira nos privilégios que tais autoridades tem devido ao seu poder e a posição social que ocupam no povoado.

A história narrada em *Aves sin nido* (2004) ocorre no povoado fictício de Kíllac no Peru, onde vivem indígenas, pessoas da sociedade não indígenas, e autoridades locais: políticos, membros da alta sociedade e religiosos. Como personagens principais temos a família indígena formada pelo casal Juan e Marcela Yupanqui e suas duas filhas Margarita e Rosalía; o outro casal trata-se do empresário Fernando e Lucía Marín. Posteriormente, Manuel, um jovem estudante de direito e suposto filho do governador de Kíllac, ganha destaque ao ajudar nas investigações do atentado sofrido pelo casal

Marín, cujas vítimas acabam sendo Juan e Marcela.

Logo no início da obra, no Proêmio¹, a autora destaca a importância do gênero romance e da literatura para recontar a história de um povo, e também denunciar os vícios e desvios de conduta de autoridades. A narrativa de Clorinda Matto pode ser lida como uma vertente do indigenismo peruano, por sua defesa enfática aos indígenas e pela reprovação da conduta dos poderosos do local. Segundo Guardia (2013) *Aves sin nido* é considerada como a obra fundadora do romance indigenista no Peru:

Con *Aves sin nido*, publicada en 1889, nace la novela indigenista. El tema central es la denuncia al maltrato y opresión que sufrían los indios, y la corrupción e incompetencia de jueces, gobernadores y curas. Constituye un lúcido y conmovedor texto contra la injusticia social y el abuso de poder contra los indios, en el que Matto de Turner asume la voz del desvalido y saqueado por el poder; y revela, como señala en el prólogo Emilio Gutiérrez de Quintanilla, “el estado social vergonzoso y alarmante en que se halla este pueblo numeroso que en la región andina ocupa la mayor parte del territorio peruano” (Guardia, 2013, p. 208).

Em *Aves sin nido* a autora procura demonstrar sua indignação ao modo como os povos indígenas eram tratados, pois mesmo no período pós-colonização os nativos continuavam subjugados aos novos colonizadores, representados nas figuras dos poderosos de Kíllac. Ainda que seja uma obra fictícia, Clorinda Matto de Turner não deixa de problematizar os processos de subalternização dos povos originários peruanos. Ao longo do romance, tece duras críticas as autoridades políticas e eclesiásticas, responsáveis pela

opressão e o sofrimento causado aos nativos assim, sua escrita adota um caráter militante que denuncia as injustiças cometidas pelos novos colonizadores.

Diante da relevância da escritora na causa indígena durante o século XIX nosso objetivo nesse artigo é demonstrar como Clorinda Matto de Turner em seu romance *Aves sin nido* (1889) denuncia os crimes e a exploração praticados pelas autoridades eclesiásticas contra os povos indígenas, cujos crimes têm como principais vítimas as mulheres que protagonizam a obra. Entendemos que estas denúncias levam a uma reflexão sobre a condição das mulheres, pois, a luta da escritora peruana é também pelo direito de mulheres trilharem seus próprios caminhos, livres da tutela masculina.

Tendo em vista nosso objetivo mencionado acima, inicialmente pretendemos refletir como a escritora Clorinda Matto de Turner se tornou uma das poucas vozes a trazer para sua narrativa as denúncias contra os abusos da Igreja Católica e a corrupção das autoridades civis do seu país. Na primeira parte do artigo apresentamos alguns aspectos do contexto em que a obra foi escrita, em seguida discutimos a respeito da trajetória da autora e sua militância em favor dos povos indígenas e das mulheres. A terceira parte do texto está voltada para a análise do romance *Aves sin nido* (2004), na qual ressaltamos como a autora enfrentou a Igreja Católica e apresentou em sua narrativa situações de abusos sexuais sofridos pelas mulheres indígenas.

¹ O Proêmio ou prefácio é um texto que esclarece, justifica ou comenta a obra, escrito por outra

pessoa, também chamado de apresentação quando escrito pela própria escritora.

2 O protagonismo das mulheres e indígenas na obra de Clorinda Matto de Turner

Por meio de sua literatura, Clorinda Matto foi uma das vozes que se manifestou a favor dos povos indígenas no Peru. Como se pode observar em suas obras, a presença de indígenas é recorrente, o que demonstra uma valorização das tradições e da cultura nativa. Além do romance *Aves sin nido* (1889), as obras *Índole* (1891) e *Herencia* (1895) trazem personagens nativos ressaltando sua importância e como eram seus modos de vida, bem como a exploração a que estavam submetidos.

Uma outra característica da narrativa de Clorinda Matto é o protagonismo feminino das personagens que, contrariando o papel social de submissão designado pela sociedade patriarcal, fogem à regra de inferioridade e enfrentam seus algozes. A autora estava comprometida com a causa feminista, à medida que questiona as relações sociais entre homens e mulheres na obra, pois

[...] as personagens femininas constituem as protagonistas da narrativa. São elas que se erigem em defensoras da justiça transgredindo o discurso patriarcal hegemônico no final do século XIX, no qual as mulheres aparecem indefesas, como pessoas que requerem apoio e necessitam de condução para desenvolver-se na esfera pública. São elas seus aliados, as que condenam os opressores, e a chave da relação entre mulheres e homens, entre índios e brancos [...] (Guardia, 2007, p. 171).

De acordo com a citação, é possível afirmar que, na obra de Clorinda Matto, as mulheres são descritas como as grandes aliadas dos povos indígenas, tendo enfrentado a opressão e resistido à destruição de suas etnias nativas. Portanto, são as mulheres as guardiãs dos saberes, que lutam por justiça e

direitos rompendo o estereotipo de mulheres frágeis ou indefesas.

Desse modo, o protagonismo feminino na narrativa confirma o viés feminista da obra de Clorinda Matto ao alterar em sua narrativa a ordem social vigente. A autora reflete sobre uma condição imposta às mulheres do seu tempo, que estavam subjugadas ao poder masculino, dos maridos e padres católicos e, diante disso, a luta por direitos era a única possibilidade de mudança dessa realidade. A este respeito, “[...] não pode surpreender que as mulheres se vissem no espelho da escravização, na desonrosa condição de pertencer a um dono e que o despertar da consciência feminista coincidissem com as lutas para acabar com o flagelo da servidão” (Barrancos, 2022, p. 23). É exatamente essa luta discutida no romance, em que as mulheres são as mais combativas diante do machismo, do patriarcado e da misoginia social.

O tom crítico adotado por Matto em relação às autoridades eclesiásticas resultou em uma dura perseguição, uma vez que o Clero incomodado com a exposição da conduta pecaminosa de seus membros, passa a recriminar a escritora por meio de artigos publicados em periódicos da época. Porém, mesmo diante desse cenário dominado pelo masculino, Clorinda Matto não se calou,

[...] ultrapassou o limite imposto pela sociedade e transformou os meios políticos, sociais e literários ao questionar as opressões contra a mulher, com o propósito de mudar o papel social exigido, praticando, assim, um ativismo intelectual em suas obras e em movimentos sociais. Entre as preocupações da escritora cusquenha estavam a necessidade de uma reforma educacional para as mulheres, a situação dos camponeses serranos e a ação nefasta da igreja, através da violência sexual que os padres cometiam contra as indígenas (Rigon, 2020, p. 24).

As denúncias presentes no romance e demais obras da autora incomodavam os membros da Igreja que buscavam um motivo concreto para incriminá-la, até que em 23 de agosto de 1890, Clorinda Matto foi denunciada pelo arcebispo de Lima porque “El Peru Ilustrado”, uma revista que dirigia, publicou um conto do escritor brasileiro Henrique Maximiliano Coelho sobre a vida de Cristo, em que aparecia um Jesus mais terreno, supostamente interessado em viver um romance com Maria Madalena. Devido a isso, o “[...] arcebispo proibiu a leitura da revista, a excomungou, e *Aves sin nido* figurou entre os livros condenados pela Igreja [...]” (Guardia, 2007, p. 171). Em sua defesa Clorinda Matto

[...] escribe una carta al presidente de la Unión Católica de Cusco, Fernando Pacheco, donde reivindica su posición de exaltar al verdadero sacerdote y denunciar a los malos religiosos. Agrega que, si ha “tenido el valor suficiente para seguir las huellas del digno obispo de Chiapas, Fray Bartolomé de las Casas, al levantar el grito de conmiseración para la raza indígena oprimida y explotada, también me acompaña la entereza necesaria para sostener los principios en que mi citada obra desarrollo” (Guardia, 2010, p. 77).

No entanto, Clorinda Matto não obteve êxito ao tentar se defender, pois Fernando Pacheco considerou uma ousadia a autora querer se comparar ao Fray las Casas e, a partir disso, os religiosos intensificaram a campanha difamatória contra a escritora. Diante dessa e outras polêmicas com a Igreja Católica e autoridades peruanas, a autora foi exilada e não pode retornar ao Peru em vida. Somente em 1924 seus restos mortais puderam ser depositados em Lima, em uma perseguição que se manteve após a morte de Clorinda Matto, já que foi preciso esperar quinze anos para que seu corpo pudesse ter um lugar no cemitério de Lima.

Após essa breve explanação sobre a trajetória de Clorinda Matto de Turner passamos a análise de alguns aspectos do romance *Aves sin nido* (2004) que demonstram como a autora desafiou o Clero e desnudou as condutas criminosas de seus membros. Optando por aqueles que sempre estiveram a margem social, excluídos e explorados os povos indígenas e as mulheres são o tema da narrativa da escritora peruana.

3 Aves sin nido: a obra que desafiou a Igreja e afrontou a sociedade do século XIX

O romance *Aves sin nido* (2004), como já mencionado, traz em seu enredo a temática indigenista, cuja obra se divide em duas partes. A primeira é composta de 26 capítulos que tratam dos sofrimentos da família indígena Yupanqui. Ainda no momento inicial temos a chegada do casal Marín que se propõe a ajudar os indígenas no enfrentamento as autoridades locais. O segundo momento da narrativa está estruturado em 32 capítulos que narram os desdobramentos do assassinato de Marcela e Juan, com enfoque para outra família indígena, a do sineiro Isidro Champí, acusado injustamente pelas mortes. A obra enfatiza a conduta criminosa dos poderosos de Kíllac em oposição à resistência indígena percebida a partir do “enfrentamiento entre los buenos y malos, entre los poderosos y los indios, se focaliza en la figura de dos mujeres la ‘dulce y culta’ Lucía Marín y la india ‘buena’ Marcela Yupanqui” (Guardia, 2010, p. 76). São duas mulheres que estão dispostas a lutarem contra os donos do poder, enfrentando a misoginia e o machismo principalmente do Clero.

Desde o primeiro capítulo de *Aves sin nido* (2004), a escritora apresenta duras críticas a hipocrisia e a vida imoral que levavam os religiosos, especificamente um antigo bispo do local chamado don Pedro de

Miranda y Claro de “[...] quien la gente deslenguada hace referencias no santas, comentando hechos realizados durante veinte años que don Pedro estuvo a la cabeza de la feligresía [...]” (Matto de Turner, 2004, p. 01). A narradora nos indica que a maior autoridade religiosa do povoado não era uma pessoa que agia como deveria sendo um sacerdote. O bispo Miranda y Claro estava envolvido em muitas ações reprováveis, dentre elas o fato de ter uma vida repleta de luxo e mordomias enquanto explorava a população mais simples, como também a cumplicidade nos atos de corrupção praticados pelas demais autoridades locais.

No decorrer na narrativa, ao observarmos a vida mundana e corrupta dos padres, fica evidente as razões do temor da personagem Marcela, quando a mesma relata a Lucía que teria que prestar “serviços gratuitos” na casa paroquial. Ainda que não explicita claramente uma denúncia sobre violências sexuais, a indígena temia muito por ter que trabalhar com o religioso. Marcela estava ciente do assédio que sofreria, no entanto não podia recusar o “serviço”, visto que estava em dívida com o padre Pascual devido a cerimônia do enterro da sogra:

[...] porque muerta mi suegra em Navidad, el tata cura no embargó nuestra cosecha de papas por el entierro y los rezos. Ahora tengo que entrar de *mita* a la casa parroquial, dejando mi choza y mis hijas, y mientras voy, ¿quién sabe si Juan delira y muere? ¿Quién sabe también la suerte que mí espera, porque las mujeres que entran de *mita* salen... mirando al suelo! [...] (Matto de Turner, 2004, p. 05, *itálicos da autora*).

Um dos temores de Marcela ao entrar de “mita²” na casa paroquial era a violência a que

² Serviço forçado que as mulheres indígenas eram obrigadas a prestar as autoridades religiosas nas igrejas, que além das tarefas de cuidado com a casa do pároco,

estava exposta no serviço. O abuso sexual praticado pelos padres e bispos demonstrava como as indígenas eram rebaixadas e coisificadas ao não terem domínio de si. As nativas deveriam estar disponíveis para os serviços domésticos e sexuais, pois como mulheres não tinham controle sobre suas vidas nem sobre seus corpos.

Essa realidade era conhecida por Marcela, que entendia como eram as condições vivenciadas pelas mulheres indígenas que serviam de “mita” na casa paroquial, além das tarefas cotidianas como lavar, cozinhar e arrumar a casa dos sacerdotes, eram obrigadas a servirem aos padres como amantes. Por isso, Marcela temia por sua família, que não suportaria essa situação degradante de ter que se sujeitar a mais esse abuso, e nada podiam fazer. Principalmente por serem mulheres, ficava evidente que “[...] a história da humanidade era a história de ‘repetidas humilhações e usurpações perpetradas pelo homem contra a mulher’, porque o objetivo havia sido o domínio tirânico” (Barrancos, 2022, p. 27). Essa situação colocava a mulher em uma condição de escrava das autoridades da Igreja, o que para Guardia (2013), demonstra que a religião contribuiu para reforçar a ideia da suposta superioridade masculina em detrimento das mulheres, como um exemplo de misoginia por parte do Clero, pois

Esa Iglesia que venera a María desprecia a las mujeres, [...] no por efecto del credo religioso sino porque está conformada por un clero misógino que no ocultó su hostilidad contra las mujeres. Desprecio amparado en una supuesta superioridad de los hombres que les permite asumir a sus esposas como una suerte de esclavas, “un utensilio doméstico”, envileciendo

em muitos casos incluía também as violências sexuais que eram submetidas essas mulheres pelos padres e bispos.

así la relación marital. En el colmo del rebajamiento moral, las víctimas pierden hasta la conciencia de su lamentable condición, no abrigan ni el deseo de sacudir el yugo ignominioso (Guardia, 2013, p. 232).

As palavras da estudiosa corroboram a ideia de que Igreja Católica foi uma das principais responsáveis por legitimar a opressão sobre as mulheres por parte da sociedade. Os religiosos se amparavam na suposta superioridade do homem para tornarem as mulheres escravas dos maridos, da Igreja e de todas as demais instâncias de poder, nas quais a mulher esteve subjugada a uma condição de inferioridade e submissão. Essa opressão feminina exercida pela Igreja e pela sociedade ocorreu de um modo que parecesse tão “natural” que muitas mulheres não se deram conta do quanto estavam sendo oprimidas e usadas. Além dos direitos, elas perderam também a consciência da situação de submissão a que se encontravam.

Ante essa condição de opressão vivida por Marcela, a personagem Lucía toma a iniciativa de ajudá-la em relação a dívida que ela teria com o governador e o padre. Usando sua perspicácia, Lucía convoca uma reunião com os credores da indígena em sua casa para intervir em favor da família Yupanqui. No entanto, ao ter contato com os algozes de Marcela, ela logo percebe suas intenções, conforme notamos na descrição que a narradora faz sobre esse momento em que Lucía vê o padre Pascual:

Su edad frisaba en los cincuenta años, y sus maneras acentuaban muy seriamente los temores que manifestó Marcela cuando habló de entrar al servicio de la casa parroquial, de donde, según la expresión indígena, las mujeres salían *mirando al suelo*. [...] Para un observador fisiológico el conjunto del cura Pascual podía definirse por un nido de serpientes lujuriosas, prontas a despertar al menor ruido causado por

la voz de una mujer (Matto de Turner, 2004, p. 11, *itálicos da autora*).

Na descrição notamos a conduta reprovável do padre Pascual, e como seu comportamento destoava do que era esperado para uma autoridade religiosa. Tal postura é reprovada pela narradora ao confirmar as denúncias de Marcela quanto aos abusos e assédios que sofriam as mulheres indígenas obrigadas a prestar serviços de “mita” na paróquia de Kíllac. A situação de abusos vivenciada pelas mulheres, especialmente as indígenas no romance, também era uma realidade presente nos povoados do Peru, por isso a escritora, ao enfocar um tema tão difícil para as mulheres, demonstra sua preocupação com a realidade indígena e ressalta o comprometimento de sua obra com a causa indigenista, o que segundo Cornejo Polar (2005), pode ser entendido como um testemunho real da situação dos povos indígenas do Peru,

[...] La novela indigenista no es sólo un testimonio literario más o menos certero o más o menos “interno”, del mundo indígena; más que eso, aunque obviamente también siéndolo de algún modo, la novela indigenista es la representación literaria más exacta del modo de existencia del Perú (Cornejo Polar, 2005, p. 69).

Nas palavras do estudioso, se pode aferir que o romance indigenista apresenta não somente questões literárias ou fictícias em relação aos nativos, mas a obra de Clorinda Matto se configura como uma representação da realidade social vivida pelos indígenas, com suas lutas e sofrimentos. As denúncias presentes no enredo são um traço bastante recorrente nas narrativas indigenistas que adotam esse caráter de desnudar a violência com que eram tratados os povos indígenas.

Assim, ao escolher essa perspectiva militante que denuncia os abusos e a exploração por parte dos poderosos, Clorinda Matto se distancia de algumas perspectivas canônicas que colocavam o colonizador como amigo dos nativos, ou ainda como protetor dos mesmos. No romance *Aves sin nido* (2004), a autora optou por expor as fraturas desse processo pós-colonizatório, visto que a obra se situa em um contexto posterior a colonização do Peru. Por essa conduta, a escritora passa também a ser malvista pelos próprios pares, pois a figura do nativo era criticada por muitos autores que viam nele um pária, sem razão, sem lei e sem fé, como ressaltaram alguns autores do período colonial. Clorinda Matto contraria essa visão e coloca o indígena como protagonista de suas obras, ressaltando sua cultura, sua força e, principalmente, as condições precárias a que estavam inseridos.

Além de Marcela outra personagem na narrativa é maltratada pelo padre Pascual. Trata-se Melitona, uma das suas “amantes” que aparece poucas vezes na obra, mas sempre é mencionada com adjetivos negativos que rementem a imagem da mulher pecadora, aquela que leva o homem ao mal caminho: “[...] — Calle, mujer de mis pecados – contestó el cura con ira manifiesta golpeando el suelo con el pie. [...] ¡Calla, demonio! [...]” (Matto de Turner, 2004, p. 50). Pelo tom das palavras do padre, notamos que Melitona é apenas mais uma que ele usa para satisfazer seus desejos sexuais. No entanto, não a respeita como mulher, vivendo com ela uma relação de autoritarismo e total desrespeito.

No romance, a narradora também nos apresenta relatos de abusos sofridos por mulheres de famílias nobres, que diante do machismo social e do medo, não ousavam fazer qualquer tipo de denúncia contra tais abusadores. Essa conduta criminosa dos

religiosos do povoado revela um histórico de abuso sexual que gerava outras consequências mais graves, inclusive de uma gravidez como ocorreu com a mãe do jovem Manuel que, apesar de ter o governador don Sebastián como seu pai, perante a sociedade o rapaz sabia que não era seu filho biológico, pois sua concepção se originou de um estupro e, sua mãe foi mais uma das vítimas do bispo Miranda y Claro:

[...] — Yo no soy hijo de don Sebastián Pancorbo. *Una desgracia, el abuso de un hombre sobre la debilidad de mi madre, me dio ser.* Estoy ligado a don Sebastián por la gratitud, porque al casarse con mi madre estando yo en su seno, le dio a ella el honor ya a mí... me prestó su apellido (Matto de Turner, 2004, p. 182, *italico* nosso).

Após a revelação da paternidade de Manuel, o jovem também confessa que o abusador de dona Petronila, sua mãe, foi o antigo bispo de Kíllac don Pedro de Miranda y Claro. Por ser uma mulher jovem e indefesa perante o machismo da sociedade, ela não conseguiu denunciar o abusador, uma autoridade da alta cúpula da Igreja e acabou se casando com outro homem para esconder o crime diante da sociedade e manter a reputação da família. Na obra de Clorinda Matto, fica evidente a situação opressora que estava condicionada a mulher, independentemente de sua classe social, visto que dona Petronila era uma mulher rica e de família tradicional, mesmo assim não conseguiu evitar o assédio e a violência sexual, o que demonstra a vulnerabilidade das mulheres diante do poder eclesiástico.

Como ocorreu com dona Petronila, que não conseguiu escapar ao abuso, Marcela também foi mais uma vítima do bispo Miranda y Claro que engravidou, como se revela nos momentos finais de sua vida em que ela “[...] confió a Lucía el secreto del nacimiento de

Margarita, quien no es la hija del indio Juan Yupanqui, sino... del obispo Claro [...]” (Matto de Turner, 2004, p. 183). Ante situações de abuso, o caso das mulheres indígenas era ainda mais delicado, uma vez que Marcela foi uma vítima, porém, sua filha diferente de Manuel não soube de nada. A vergonha e a humilhação de Marcela foram totalmente silenciadas, pois ela nunca pode confessar nem mesmo ao seu marido tudo que sofreu. Violentada e silenciada, a situação de Marcela reforça a perspectiva indigenista adotada pela autora com relação a impossibilidade amizade entre brancos e indígenas mesmo que na ficção, dita convivência sempre foi de exploração e abusos por parte dos brancos. Por essa situação de violência e abusos sofridos por suas mães o desfecho entre o quase casal Margarita e Manuel, faz deles também *aves sin nido*, como destaca Ferreira (2006):

Si en la primera parte de la novela las “aves sin nido” son Margarita y Rosalía y por extensión toda la desatendida población indígena, en la segunda parte, los desamparados son Manuel y Margarita cuyo amor sufre la mancha del incesto y del ultraje sufrido por sus madres. Ambos son hijos del obispo Miranda y Claro. Matto de Turner usa la melodramática trama amorosa para criticar la institución católica y mostrar la violencia contra la mujer que desata el lado oculto del celibato sacerdotal con la práctica de la explotación sexual (Ferreira, 2006, p. 05).

Com a citação, podemos confirmar que as mulheres indígenas eram as que mais sofriam com os atos ocorridos em Killac, desde o abuso que Marcela sofreu, até a sua morte. Apesar de uma vida toda fugindo do assédio do padre Pascual, ela não teve outra chance, foi vitimada por um plano criminoso. Sua morte pode ser entendida como a morte do seu povo, a violência sofrida por tantas mulheres indígenas é personificada em Marcela. Por outro lado, a jovem Margarita também sofrerá

um apagamento da sua identidade indígena, com a adoção pelo casal Marín perderá o nome dos pais e, receberá uma educação baseada nos moldes colonizatórios da sociedade branca, que indicam a imposição de uma nova colonização sobre a jovem indígena.

Ao trazer para o romance essas denúncias de abuso sexual por parte das autoridades da Igreja, a autora em análise tece duras críticas ao celibato imposto aos padres, e na figura do padre Pascual podemos perceber um retrato da condição de vida de alguns sacerdotes. Recorremos a uma longa conversa do padre com don Fernando, na qual ele reflete sobre essa situação:

— No quiero detenerme don Fernando. Las resoluciones acompañadas de vacilación se desvirtúan. He sido más desgraciado que criminal. Mienten los que, sentando una teoría ilusoria, buscan la virtud de los curas lejos de la familia, arrojados en el centro de las cabañas, cuando la práctica y la experiencia, como dos punteros de la esfera que han de señalar con infalibilidad la hora, nos marcan que es imposible conseguir la degeneración de la naturaleza del hombre.

— Usted ha podido ser un sacerdote ejemplar, cura Pascual — contestó el esposo de Lucía [...]

— Sí, en el seno de la familia, don Fernando, pero hoy, ¡puedo decirlo delante de usted!, solo, en el apartado curato, soy un mal padre de hijos que no han de conocerme, el recuerdo de mujeres que no me han amado nunca, un ejemplo triste para mis feligreses [...] (Matto de Turner, 2004, p. 74).

Na fala do padre Pascual se evidencia mais uma forte crítica à Igreja Católica que impõe aos sacerdotes o celibato. Essas críticas à época incomodaram muito a instituição, o que levou a proibição da leitura da obra e, posteriormente, a excomunhão da autora, que foi perseguida e expulsa da Igreja e do país. Por posicionamentos como esse em que defende abertamente o casamento para os sacerdotes e

as denúncias dos abusos cometidos por eles, Clorinda Matto enfrentou o ódio e a misoginia de toda uma sociedade hipócrita e criminoso.

A autora, por meio de seu romance, apontava as falhas de uma das instâncias sociais mais importantes do seu tempo, a Igreja Católica, que se mostrou incapaz de solucionar um problema tão grave como o abuso sexual e impedir que mulheres e crianças continuassem sendo violentadas por sacerdotes abusadores, prática ainda comum atualmente.

Nos momentos finais do romance, o padre é punido, primeiro adoece gravemente, depois vaga sem destino pelas estradas e acaba falecendo em um convento onde fora abrigado por caridade, sozinho sem ninguém. A morte do padre Pascual põe fim a uma série de abusos que ele praticou durante a vida, seus crimes são descobertos e expostos junto com as demais autoridades que também são presas pelo assassinato dos indígenas. Ainda que não se possa evitar os abusos e crimes, a autora demonstra que os culpados serão responsabilizados.

4 Considerações Finais

No romance *Aves sin nido* (2004), que apresenta uma narrativa pós-colonial, é possível perceber que as estratégias de dominação e exploração dos indígenas ainda eram as mesmas que foram adotadas durante a colonização. Mudaram os colonizadores, mas o processo continuou vigente, negando aos nativos os seus direitos, subjugando-os sob a tutela da Igreja e dos poderosos. Diante disso, Clorinda Matto assume a posição de uma indigenista combativa que utilizou sua literatura para nos apresentar através de um recorte ficcional como eram (mal)tratados os povos nativos da América Latina.

Podemos observar que a violência trouxe como consequência o assassinato das personagens indígenas Juan e Marcela, resultando na orfandade de suas jovens filhas, as quais ficaram sem os pais e se tornaram, como enuncia o título da obra de Clorinda Matto, *aves sin nido* devido a crueldade e ambição dos poderosos de Kíllac. As duas jovens Margarita e Rosalía terão que enfrentar sozinhas todos os desafios de serem inseridas em uma sociedade branca, perdendo sua identidade e sua cultura para serem aceitas. No entanto, serão sempre vistas como mestiças, ocupando uma posição periférica socialmente. Ainda que adotadas pela família Marín, as indígenas acabam perdendo a identidade nativa e não conquistam plenamente a identidade branca o que, segundo Guardia (2010, p. 76), reforça a ideia de que “la salvación del indio depende de su conversión en otro, en criollo”. Essa transição de identidade branca e indígena marca as narrativas indigenistas, pois a esperança da autora é que as jovens encontrem na educação a força para enfrentarem os preconceitos que as esperam.

Mesmo diante de uma realidade dolorosa, a autora escolhe os vencidos como os heróis de seu romance, são eles que lutam por justiça e buscam incansavelmente seus direitos a uma vida digna. As principais aliadas dos povos indígenas na obra são as mulheres, muitas vezes estereotipadas como débeis em outras narrativas canônicas, contrariando essa perspectiva, as personagens femininas de Clorinda Matto de Turner são fortes e enfrentam seus algozes. Ao final, são as indígenas Margarita e Rosalía que terão a missão de lutar pelos direitos do seu povo, tendo acesso a uma educação formal elas poderão dialogar e reivindicar seu espaço social. Ainda que para alguns teóricos essa educação signifique o apagamento de suas

identidades, acreditamos que Turner defende uma educação para as jovens indígenas que lhes possibilitará outro destino diferente das demais mulheres de seu povo.

Portanto, Clorinda Matto de Turner, por meio de uma obra de ficção, advoga em favor dos povos originários mostrando que seu romance adota uma perspectiva indigenista, ao enfatizar como eram explorados e vítimas de todo tipo de violência. Ao relatar os abusos por parte da Igreja, a escritora demonstra o compromisso de sua obra com a defesa dos indígenas, se opondo de modo enfático a realidade que se apresentava nas colônias espanholas. A ficcionista peruana não critica somente a violência física, mas também denuncia o apagamento da cultura e das tradições desses povos, sendo a Igreja uma das principais responsáveis pela imposição da cultura dominante e da fé cristã. A autora ressalta que todo esse processo foi feito utilizando a força, o derramamento de sangue inocente e a demonização das crenças indígenas e daquilo que era considerado sagrado para os nativos.

Por fim, ao enfrentar e denunciar a Igreja, a escritora Clorinda Matto, com uma narrativa bem elaborada e eloquente, despertou inveja e ciúmes de alguns de seus detratores que não podendo vencê-la nos argumentos apelaram para a desqualificação de sua obra e de sua pessoa. Um deles, de acordo com Guardia (2010, p. 77), foi o escritor peruano conhecido como Juan Arona, que devido a seu ódio às mulheres escritoras adjetivava Clorinda Matto como “[...] ‘marimacho’, ‘vieja jamona’, ‘ciega’ e ‘zarca’ y le decía que despedía olor a vinagrillo”. Desacreditar a escritora e a mulher Clorinda Matto de Turner era parte da destruição de sua reputação, para reforçar a suposta superioridade masculina defendida pelo Clero

desde sempre, cujos críticos eram porta-vozes da Igreja na tentativa de silenciamento das vozes que ousavam denunciá-los e romper com o julgo imposto as mulheres, como o fez a escritora peruana.

REFERÊNCIAS

BATALLA, Guillermo Bonfil. Aculturación e Indigenismo: la respuesta india. In: FRANCH, José Alcina (org.). **Indianismo e Indigenismo en América**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1990. p. 189-209.

BARRANCOS, Dora. **História dos feminismos na América Latina**. Tradução Michelle Strzoda – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Literatura y sociedad en el Perú**: la novela indigenista. 2ª Ed. Lima: CELACP, 2005.

CORNEJO POLAR, Antonio. Aves sin nido como alegoría nacional. Prólogo. **Aves sin nido**. Por Clorinda Matto de Turner. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1994, IX-XXV.

FERREIRA, Rocío. Introducción Antonio Cornejo Polar y Clorinda Matto de Turner. **Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes** – Biblioteca Americana. Disponível: <https://www.cervantesvirtual.com/portales/clorinda-matto-de-turner/>. Acessado em: 27/01/2024.

GUARDIA, Sara Beatriz. **Literatura e escrita feminina na América Latina**. Florianópolis, 2013. Disponível: <https://bit.ly/3M6lnhW>. Acessado em: 22/03/2023.

GUARDIA, Sara Beatriz. **Mujeres peruanas: el otro lado de la historia**. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 2013.

GUARDIA, Sara Beatriz. *Escritura femenina del siglo XIX: voces de ruptura y cambio em*

nombre del desvalido y excluido por el poder. In: MARTIN, Claire Emilie (org.). **Cien años después:** la literatura de mujeres en América Latina. El legado de Mercedes Cabello de Carbonera y Clorinda Matto de Turner. Lima: Fondo Editorial de la Universidad San Martín de Porres, 2010.

GUARDIA, Sara Beatriz. (Edición). **Mujeres que escriben en América Latina.** Lima: CEMHAL, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais / organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; autoras Adriana Varejão [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MATTO DE TURNER, Clorinda. **Aves sin nido.** 1.ed. Buenos Aires: Stock Cero, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. La politización de la identidad y el movimiento indígena. In: FRANCH, José Alcina (org.). **Indianismo e Indigenismo en América.** Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1990. p. 145-161.

QUEIROZ, Maria José de. **Do Indianismo ao Indigenismo:** nas letras hispano-americanas. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1962.

QUINTANILLA, Oscar Arze. Del Indigenismo a la Indianidad: cincuenta años de Indigenismo Continental. In: FRANCH, José Alcina (org.). **Indianismo e Indigenismo en América.** Madrid: Alianza Editorial, S.A., 1990. p. 18-33.

RIGON, Heloisa Costa. **Clorinda Matto de Turner:** a literatura como denúncia dos conflitos políticos e sociais no Peru. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, Campina Grande, 2020.